



Autismo infantil: revisão de literatura a partir da psicanálise lacaniana

Infantile autism: literature review from the Lacanian Psychoanalysis

Sara Mexko^[a], Cristiano Machado Galhardi^[b]

Resumo

O artigo aborda o tema do autismo infantil a partir do referencial teórico da Psicanálise lacaniana, a qual compreende o autismo como uma falha na constituição do circuito pulsional completo, sendo que o terceiro tempo deste circuito encontra-se ausente. O infans não se sujeita ao Outro, há um fracasso no tempo da própria alienação, assim ele não pode advir como sujeito pulsional. Discute-se a importância do olhar e da voz do Outro na subjetivação do infans, sendo símbolos do investimento nele. Além disso, o trabalho destaca a existência de dois sinais que podem indicar dificuldade na estruturação subjetiva do infans: o não olhar entre o bebê e seu Outro primordial e o infans não se fazer objeto deste Outro. A ausência desses sinais pode servir como ponto de partida para a interrogação quanto a possíveis dificuldades na estruturação subjetiva da criança. Ainda que haja uma falha no estabelecimento do circuito pulsional completo, é possível a realização de um trabalho com o infans tendo em vista restabelecer o circuito pulsional.

Palavras-chave: Autismo. Psicanálise. Circuito pulsional.

Abstract

The article discusses the topic of infantile autism from the theoretical framework of Lacanian Psychoanalysis, which understands autism as a failure of the complete drive circuit, being that the third time of this circuit is missing. The infans is not subject to the Other, there is a failure in the time of the alienation itself, so it cannot come as a drive subject. The importance of the glaze and voice of the Other in the subjectification of the infans is discussed, being symbols of investing in it. Furthermore, the study highlights the existence of two signs which may indicate difficulty in subjective structuring of the infans: the non-glance between the baby and its primordial Other and the infans not being the object to this Other. The absence of these signs can serve as a starting point for interrogation about possible difficulties in subjective structuring of the child. Even if there is a failure in the establishment of the complete drive circuit, it is possible to work with the infans in order to restore the drive circuit.

Keywords: Autism. Psychoanalysis. Drive Circuit.

^[a] Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pelo Instituto de Ensino, Capacitação e Pós-Graduação – Faculdade Iguaçu, Assis, SP - Brasil, e-mail: saramexko@hotmail.com

^[b] Doutor em Fisiopatologia em Clínica Médica (Ciências da Saúde), professor do Instituto de Ensino, Capacitação e Pós-Graduação – Faculdade Iguaçu, Assis, SP - Brasil, e-mail: cmgalhardi@gmail.com

Recebido: 18/07/2012
Received: 07/18/2012

Aprovado: 05/12/2012
Approved: 12/05/2012

Introdução

Uma das principais dificuldades quando se trabalha com crianças autistas é a diversidade de explicações que são dadas para o autismo. A maioria dos neurologistas e mesmo uma grande parcela dos psiquiatras possuem uma compreensão que difere da dos psicólogos, e em especial dos psicanalistas. De acordo com cada forma de entendimento é que se pautam as práticas clínicas, logo, na maioria das vezes, o trabalho de um profissional ocorre de maneira não integrada a outras áreas.

Mesmo dentro da Psicologia, as diversas abordagens teóricas diferem no entendimento sobre o que é o autismo. A Psicanálise lacaniana traz uma contribuição importante, situando o entendimento do autismo a partir da compreensão de como se dá a constituição psíquica. Esta compreensão não nega as questões biológicas, as quais podem ou não existir, mas lança um novo olhar para o sujeito, para além do biológico, colocando a relação do infans com seu Outro no cerne da constituição subjetiva.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o Autismo infantil, a partir do referencial teórico da Psicanálise freud-lacaniana. O autismo é compreendido aqui como uma das possibilidades de estruturação da subjetividade humana. O ponto de partida é a compreensão de como os seres humanos se tornam sujeitos desejantes. É apresentada a existência de antecipações por parte dos agentes das funções materna e paterna. Traça-se um percurso pela função do olhar e da voz do Outro. Retoma-se o conceito de pulsão e os três tempos do circuito pulsional. Aponta-se para um não fechamento deste circuito no autismo.

Da antecipação ao nascimento do sujeito

Antes mesmo que um bebê nasça, ele já é antecipado na fala de seus pais. Falam da possível cor de seus cabelos, de com quem esperam que se pareça, das roupas que irá usar, dos brinquedos e brincadeiras que irão diverti-lo. Conversam com ele ainda quando está no útero. Há toda uma gama de expectativas e antecipações por parte das pessoas que aguardam seu nascimento. Jerusalinsky (1984, p. 40) ressalta que “a criança existe psiquicamente na mãe muito antes de nascer, e ainda mais, muito antes de ser gerada. Quando a criança nasce, toda essa

engrenagem que a antecede se põe efetivamente em movimento”.

Logo que vem ao mundo, a criança recebe um registro de nascimento no qual consta seu nome. Ainda precocemente, começa a reconhecer o nome que lhe foi dado, assim como se dá conta de que o reconhecem por este nome. Compreende que possui existência precisamente onde não está, isto é, no nome o qual recebeu para representá-lo, cuja significação não está pronta e deverá ser construída e descoberta. Até que o bebê encontre seu próprio sentido, só resta corresponder à aceção que lhe foi dada, ao lugar que recebe. Se o bebê não ocupar este lugar, não encontrará significado para seu próprio ser. (Bernardino, 2006).

O bebê é falado por seus pais muito antes que tenha condições de falar por si próprio, conforme ressalta Bernardino (2006, p. 25): “dizem-lhe o que sente, o que vai fazer, o que deve pensar do mundo”. Ele é lançado muito cedo em um mundo simbólico que para ele não possui significado algum. Será necessário que alguém especialmente interessado agencie as significações para o bebê, que signifique cada movimento realizado por ele, cada choro, cada resmungo, realizando antecipações do que ele ainda não é.

Levin (2005, p. 94) parte da premissa que “o momento do parto não coincide com o nascimento do sujeito”. O infans, quando vem ao mundo, chega com um conjunto de movimentos, tais como reflexos arcaicos, movimentos espontâneos, movimentos de espasmo e movimentos posturais, inclusive movimentos automáticos e compensatórios. Ainda que existam estes movimentos, estes não são dotados de sentido para o bebê.

Ainda que quando um bebê nasça se encontre dotado de um organismo biológico, ele não consegue identificar e prover suas próprias necessidades. Lacan, em seu texto sobre o estágio do espelho como formador da função do eu, comenta sobre a insuficiência orgânica e falta de coordenação motora do recém-nascido, tratando-se de “uma verdadeira prematuração específica do nascimento no homem” (1998, p. 100). Diferentemente dos animais, que em pouco tempo conseguem dar conta de si mesmos sozinhos, o filhote humano precisa de um Outro que se ocupe dele.

Jerusalinsky (2002) ressalta que o desamparo primordial o qual um bebê se encontra ao nascer não é apenas de cunho orgânico, mas principalmente

um desamparo simbólico, uma vez que o filhote humano, ao nascer, necessita do saber acerca do que lhe convém. Cabe ao Outro, especialmente interessado neste bebê, fornecer os cuidados básicos e introduzi-lo na linguagem.

Este alguém que cuida do bebê, que geralmente – mas não necessariamente – é a mãe, será portador do mundo simbólico e estará ocupando o lugar de Outro primordial. Fernandes (2000, p. 41) escreve que: “o conceito de Outro, compreendido como linguagem, equivale à cultura, ao conjunto de marcas que preexistem e constituem a história de um sujeito”. Este lugar de grande Outro ou Outro primordial deve necessariamente ser ocupado por um Outro, um indivíduo de carne e osso, o qual realiza a função materna.

Bernardino (2006) assinala que é por meio do contato com o Outro que o organismo do infans vai sendo simbolizado. Este pequeno outro, ocupando o papel de grande Outro, proporciona não apenas a satisfação das necessidades físicas, mas oferece um a-mais composto por olhares, palavras e gestos direcionados para o bebê. Este olhar especial e a forma particular de conversar com o bebê adquirem importância significativa na subjetivação do infans. O convite escópico endereçado ao bebê é editado por meio do olhar e também pela fala.

O papel do olhar do Outro e a necessidade do engodo

Ao cuidar do bebê, a mãe – ou quem faz esta função – costuma olhar para ele, além de conversar com ele em manhês. Enquanto é amamentado, por exemplo, o bebê olha para sua mãe. O pediatra e psicanalista Donald Winnicott (2000) diz que a mãe faz o papel de espelho para o bebê. Assim, quando o bebê olha para o rosto da mãe, ele se vê.

O olhar do Outro para o bebê é o que possibilita que ele possa constituir sua imagem corporal e faça o enlace com este Outro. Para que um dia o bebê possa adentrar ao estádio de espelho, faz-se imprescindível que anteriormente haja o “olhar fundador do grande Outro”. (Laznik, 2005, p. 161).

Laznik (2005) adverte que o olhar do Outro não pode ser confundido com a visão. Para explicitar a diferença entre ver e olhar a criança, a autora utiliza-se do exemplo do costume que os brasileiros possuem de pedir a quem ficará encarregado de cuidar da criança que a olhe. Este olhar, neste caso,

adquire o sentido de cuidado, de vínculo de quem olha com a criança.

O olhar fundador do Outro, então, tem o significado de investimento na libidinal na criança. Este investimento pressupõe a ocorrência de um engodo por parte da mãe em relação a este bebê, isto é, que este Outro tome o bebê enquanto um ser especial, que preenche temporariamente a falta estrutural deste Outro primordial. Utilizando-se da expressão cunhada por Freud (1914/1996d), esta pequena criança precisa ser vista por seus pais como “Sua Majestade, o bebê”.

Quando o Outro primordial encontra-se em condições de investir libidinalmente no bebê, irá antecipar o que o bebê ainda não é. Em se tratando das primeiras instaurações do aparelho psíquico, são elas que permitirão que o infans possa constituir o corpo próprio (Laznik, 2005). Se o bebê foi antecipado por seu Outro primordial, se houve investimento libidinal nele, então ele poderá ser conduzido do estádio pré-especular ao advento do espelho.

A falicização do infans somente pode se dar no olhar do Outro, trata-se de um engodo que permite antecipar o que a criança ainda não é. Mas esta falicização do bebê só tem condições de ocorrer se para este Outro primordial, a criança estiver situada no lugar de Ideal. Laznik (2005, p. 55) afirma então que “o dom que a mãe faz ao filho, do que lhe falta, tem uma relação direta com o que constitui para ela o pai”.

O engodo por parte deste Outro primordial é estruturante para o infans. Fernandes (2000, p. 121) ressalta que o Outro, fornecendo a “mentira verídica”, consente que a criança possa se estruturar enquanto sujeito, abrindo a cena do mundo para ela. Tem-se aqui o indispensável para que a operação de alienação possa acontecer.

A voz do Outro que encanta e convoca o bebê

As mães, em diversas culturas, conversam com seus bebês enquanto cuidam deles. No início da vida do infans, a mãe se empresta como porta-voz, chamando-o, falando por ele e confirmando seus ensaios. Os bebês não ficam alheios a esta fala da mãe, mas se interessam muito pela conversa. Ao nascer, o bebê já “mostra o interesse por certos elementos da voz materna” (Laznik, Maestro, Muratori & Parlato-Oliveira, 2006, p. 95).

Bernardino (2008) afirma que o bebê possui sensibilidade à voz, à conversa e ao afeto difundido na linguagem. As reações do bebê não são iguais quando a mãe fala de um jeito alegre, triste etc. Com poucas horas de nascido o bebê já demonstra ter preferência pela voz da mãe à de outras mulheres⁸).

Catão (2008) apresenta pesquisas de psicolinguistas que demonstram que um bebê recém-nascido suga de forma intensa uma chupeta não nutritiva quando ouve a voz de sua mãe falando com ele. Isto acontece antes mesmo que ele tenha ingerido o leite materno, ou seja, antes que tenha ocorrido qualquer satisfação da necessidade de alimento por meio da boca.

Apesar de não compreender as palavras proferidas pelo Outro, o bebê se interessa por certa entonação específica na voz. Enquanto fala com seu bebê, a mãe produz alterações na fala. Este modo especial de uma mãe falar com seu bebê é conhecido como *manhês* ou *parentês*. “O *manhês* indica o interesse do Outro cuidador nele”. (Catão, 2008, p. 34).

O *manhês* possui varias características específicas de pontuação, de gramática e de escansão, além de uma forma de prosódia particular. No *manhês* as frases são curtas, são realizadas paradas durante o enunciado e há repetições. Apesar destas características, o que mais se destaca são as modificações prosódicas. Ferreira (2005, p. 23) explicita que “o tom é alto e agudo, a voz pode revelar-se sussurrada ou em falsete, a entonação é exagerada”.

Mas por que as mães conversam com seus bebês? Para Ferreira isto decorre do fato que a mãe interpreta as manifestações do bebê como sendo uma demanda enviada a ela. E qual o motivo pelo qual as mães conversam com seus bebês fazendo uso do *manhês*? Ferreira (2005, p. 21) ressalta que a base da motivação é que a fala é dirigida a “um interlocutor especial, com quem é necessário falar de um modo particular”.

O bebê responde a conversa em *manhês*. Então, de que forma estes bebês participam da conversa? Ferreira (2005) descreve que a participação do bebê se dá na medida em que ele conserva sua atenção voltada para o que está se dando e nutre a conversa por meio de suas ações e reações.

Segundo Ferreira (2005), o que singulariza a fala em *manhês* ou *parentês* enquanto um fato de linguagem é sua estrutura, compondo um diálogo. A estrutura comporta a presença de elementos como os falantes (mãe e bebê), os períodos de fala (ora

da mãe, ora da criança), a interdependência entre os turnos da fala e o episódio em andamento.

O bebê, sustentado pela mãe na posição de interlocutor e de ouvinte, implica que ela suponha um sujeito no bebê. Em contrapartida, o bebê, enquanto “sujeito pulsional, tem uma atividade intencionalmente dirigida para o campo do outro (Outro)”. (Ferreira, 2005, p. 24).

Laznik afiança ser a voz o primeiro objeto da pulsão oral do bebê. A experiência da prosódia na voz da mãe oferece ao bebê condições de enlace com o Outro. A voz e o olhar fundam o corpo da criança. Por meio da prosódia o bebê irá se dar conta que ele é a causa de um gozo desse Outro, procurando então encontrar o rosto de quem lhe dirige a conversa em *manhês*. De acordo com a autora (2005, p. 82), “ele lerá que ele é o objeto causa dessa surpresa e dessa alegria que a prosódia da voz e os traços do rosto refletem”.

O bebê não para no gesto de olhar em direção ao Outro que lhe fala, ele buscará se colocar no lugar de objeto do olhar deste Outro, se fazer apetitoso, buscando fisgar o Outro. Se o bebê se faz objeto deste Outro que lhe convoca a vir a ser sujeito por meio da conversa em *manhês*, o pequeno infans terá então estabelecido com este Outro um circuito pulsional escópico (Laznik, 2005).

Catão (2008) destaca que a adoção de um infans no campo da linguagem trata-se da capacidade de desempenhar função materna, e o exercício dessa função possui relação íntima com uma dupla capacidade da mãe, que é a de se identificar com o bebê e se dirigir a ele como a um Outro.

A pulsão, os três tempos do circuito pulsional e o nascimento do sujeito

No *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895/1996c), encontra-se um esboço de como se dão as primeiras instaurações do aparelho psíquico. Neste texto, Freud fala sobre a primeira experiência de satisfação do bebê, que, estando em estado de tensão em decorrência da fome, não dispõe de condições para executar uma ação que temporariamente ponha fim à tensão. Discorrendo sobre esta primeira experiência, aponta para o desamparo do filhote humano ao nascer e a necessidade de assistência alheia.

Em 1915, Freud (1915/1996a) elabora o texto *As pulsões e suas vicissitudes*, apresentando seu conceito de pulsão, já deixando claro que haveria modificações. Para ele, pulsão era um conceito limítrofe entre o psíquico e o somático, visto que ela é o representante psíquico das excitações oriundas do corpo. No texto, Freud descreve os três tempos do circuito pulsional. O primeiro tempo é denominado ativo, com o bebê indo em busca do objeto de satisfação da necessidade. O segundo tempo é o reflexivo, o no qual bebê toma uma parte de seu próprio corpo como objeto. O terceiro tempo, classificado como passivo, é quando o bebê faz de si objeto de um Outro.

Lacan retoma os escritos de Freud e, a partir do que neles encontra, vai além, dando maior precisão ao conceito de pulsão. O conceito de pulsão em Freud ainda se confundia com o de necessidade. É Lacan quem vai retirar do campo pulsional todo o registro da necessidade, mantendo o termo pulsão exclusivamente para as pulsões sexuais parciais. Lacan (1990, p. 159) destaca que: “nenhum objeto de nenhum Not, necessidade, pode satisfazer a pulsão”.

A pulsão possui quatro componentes: o impulso, a fonte, o objeto e a meta, isto é, a satisfação da pulsão. Para que a pulsão seja satisfeita, é necessária a montagem do circuito pulsional em três tempos, pois a satisfação da pulsão se dá pela realização de um trajeto em forma de circuito o qual vem se fechar em seu ponto de partida. Como aponta Laznik (2005, p. 79):

É este percurso que traz a satisfação pulsional, radicalmente separada de qualquer satisfação de necessidade orgânica. Esse trajeto, em forma de circuito, vem se fechar em seu ponto de partida. A partir daí, para a pulsão, não se trata mais de ir na direção de um objeto da necessidade e de satisfazer-se, mas sem de encontrar todos os tempos necessários para seu remate e isto, inúmeras vezes.

O sujeito do inconsciente se constitui no campo do Outro. Ele surge no momento do remate pulsional. Anteriormente ao remate pulsional não há sujeito da pulsão. A instalação do terceiro tempo do circuito pulsional instaura a alienação do infans a um Outro. A alienação trata-se da primeira operação essencial que funda o sujeito (Lacan, 1990).

O não estabelecimento do circuito pulsional completo e o risco de autismo

Laznik (2005) tem como hipótese para o autismo o não estabelecimento do circuito pulsional completo. Ela assinala a existência de dois sinais que indicam que uma criança pode estar com risco em sua constituição subjetiva: o não olhar entre o bebê e seu Outro primordial e o infans não se fazer objeto deste Outro.

O olhar e voz têm influência no estabelecimento do circuito pulsional completo e são fundamentais para o enlace do infans com o Outro. Ao retomar esta relação do bebê com o Outro, articulada aos três tempos do circuito pulsional, é possível compreender como alguns sinais podem dar indícios de uma dificuldade na constituição subjetiva.

De maneira geral, o agente da função materna, nos momentos de cuidado com o bebê, costuma olhar para ele. Este olhar, não mecanizado, é representante do investimento libidinal dirigido ao infans, das antecipações por parte do agente materno. O olhar do Outro faz, então, “empuxo ao olhar” (Vorcaro, 2010, p. 226).

Por meio desse olhar, o Outro confirma ao bebê que ele é especial. O infans não fica alheio a este olhar, fazendo um engate com o Outro. Este olhar, que não se situa no campo da visão, pode também se fazer presente por meio da voz, da prosódia em manhês ao conversar com o bebê.

Um sinal o qual indica dificuldade na constituição subjetiva do infans está relacionado ao olhar. Trata-se de quando este olhar entre mãe e bebê não existe, principalmente se a mãe não se dá conta disso – lembrando que a mãe ou quem se ocupa da função materna faz o papel de espelho para o bebê, assegurando a ele sua existência. Quando o Outro, por algum motivo, não consegue sustentar este papel de espelho, o início da estruturação subjetiva do bebê fica comprometida. Laznik (2005) adverte que o não olhar entre um bebê e sua mãe trata-se de um sinal de alguma dificuldade maior na relação especular com o outro, mesmo que não acarrete uma síndrome autística.

Não por acaso que crianças autistas possuem dificuldade de olhar para outro humano, assim como de se olhar. De acordo com Cabassu (1991), esta dificuldade do autista possui relação com o obstáculo da instauração do prévio necessário ao estádio do espelho. Caso não haja uma intervenção a tempo, o

estádio de espelho pode não se constituir, ou ao menos não de maneira conveniente.

Somente o primeiro sinal (não olhar) não é suficiente para que se possa afirmar que uma criança se tornará autista, mas apenas servir de alerta. Há outro sinal, fácil de ser detectado e que pode ser observado desde os primeiros meses de vida, o qual permite realizar um prognóstico do risco de autismo com maior segurança. Laznik (2005, p. 25) nomeou este sinal como “a não instauração do circuito pulsional completo”.

Para falar sobre este outro sinal, será necessário discorrer sobre o segundo tempo do circuito pulsional. Este segundo tempo relaciona-se com a capacidade autoerótica do bebê. Trata-se de um tempo reflexivo, no qual o objeto será uma parte do próprio corpo do bebê. O bebê pode sugar em seco, chupando seu dedo, uma parte de seu corpo, ou mesmo uma chupeta, realizando uma experiência alucinatória de satisfação. Freud (1910/1996b), nas *Cinco lições de Psicanálise*, fala da satisfação autoerótica, dizendo que o chupar o dedo constitui um bom exemplo desta forma de satisfação.

Para Fernandes (2000, p. 69), por meio deste ato de sugar, que ela descreve como repetido e ritmado, a criança “revive algum prazer que já foi experimentado e que ela busca, então, renovar”. Este prazer pode estar ligado ao momento da amamentação, quando o bebê recebe o leite e satisfaz por um tempo sua necessidade de alimento, tendo temporariamente a eliminação do desprazer. Entretanto, o bebê só pode alucinar porque possui traços mnêmicos da experiência de satisfação, assim como traços do Outro.

Laznik (2005) destaca que uma significativa parcela dos médicos que trabalham com Proteção Materno-Infantil conhece a importância desta experiência autoerótica. Em suas consultas de rotina este aspecto costuma ser verificado. É bastante comum que os pais percebam que a criança coloca parte de seu corpo na boca para sugar, o que não está inscrito no campo da necessidade, dado que não alimenta, mas da pulsão.

No plano clínico, o terceiro tempo do circuito pulsional não costuma ser objeto de observação. Este tempo, necessário ao remate do circuito pulsional, se dá com o infans se fazendo objeto de um novo sujeito. Neste tempo o bebê se sujeita a um Outro.

Em diversas cenas cotidianas da relação mãe-bebê é possível perceber este terceiro tempo, como é o

caso da cena onde o bebê oferece seu pé ou sua mão, colocando na boca de sua mãe, e esta faz de conta que está comendo. Esta encenação é marcada por risos da mãe, a qual, enquanto finge comer, comenta o valor gustativo do bebê por meio de um vocabulário em que os doces ocupam lugar especial. Este ato efetuado pela mãe trata-se de um jogo, uma brincadeira, a qual não tem por objetivo a satisfação de uma necessidade. O bebê também sorri, o que indica que ele buscava justamente fisgar o gozo do Outro materno. Como assinala Laznik (2005, p. 28), “o bebê vai à pesca do gozo de sua mãe, enquanto ela representa para ele o grande Outro primordial, provedor dos significantes”.

Em diversos outros momentos do dia a dia a criança busca fisgar o gozo do grande Outro. Um bebê que ao ouvir o som de uma música vinda do rádio ou uma cantiga da mãe se põe a dançar diante desta, para chamar atenção e extrair sorrisos, constitui outra forma de brincadeira, a qual tem como objetivo a busca do gozo da mãe. Diferentemente do que Freud acreditava, o infans neste momento é ativo, é ele quem procura fazer-se delicioso, objeto de desejo do Outro.

Quando o terceiro tempo do circuito pulsional se estabelece, está afixando que existirão traços mnêmicos do Outro primordial, no polo alucinatório de satisfação do desejo (Laznik, 2005). Ao se sujeitar, o infans poderá ascender ao campo do Outro, podendo, então, advir sujeitado aos significantes do Outro.

Se a operação de se colocar enquanto objeto de desejo do Outro não ocorre, é possível inferir que o terceiro tempo do circuito pulsional não se estabeleceu. Laznik (2005) assinala que, no plano clínico, constata-se ausente o terceiro tempo do circuito pulsional nas crianças que apresentam uma síndrome autística primária. Este sinal não costuma ser observado em consultas pediátricas.

Laznik (2005, p. 65) tem como hipótese que nos autistas ocorre um fracasso do tempo de “alienação da constituição do sujeito; e isso, entre outros, pela impossibilidade ou recusa do remate do terceiro tempo do percurso pulsional – tempo onde o *Ich* se faz objeto de um novo sujeito”. No autismo, o terceiro tempo do circuito pulsional não se fecha. Sem existir o circuito pulsional completo, o corpo não é tomado pela pulsão, não se constrói erógeno, os orifícios corporais não fazem borda. Não havendo o estabelecimento desse laço do bebê com seu Outro primordial, ele não pode advir como sujeito da pulsão.

Considerações finais

Os estudos sobre o autismo são de grande contribuição para os profissionais que trabalham com bebês e crianças, sejam eles psicólogos, pedagogos, médicos, entre outros. O autismo pode ser abordado por uma diversidade de enfoques teóricos. A Psicanálise laciana constitui um dos referenciais teóricos possíveis, sendo que o olhar da Psicanálise para a estruturação do sujeito fornece subsídios para se compreender o autismo sem que haja necessidade de se estabelecer uma causalidade orgânica.

Ao abordar o autismo a partir deste referencial, é possível vislumbrar possibilidades de percepção dos sinais de risco logo nos primeiros meses de vida, enquanto as dificuldades na constituição da subjetividade do infans estão ainda no início. Desta forma, é possível a realização de uma intervenção precoce, intervenção a tempo, enquanto o autismo não se encontra plenamente configurado.

Cabe ressaltar que quanto mais cedo a intervenção ocorrer, maior é a chance de a estruturação do aparelho psíquico se produzir, ainda que inicialmente ela não tenha ocorrido (Laznik, 2005). Trata-se então de uma corrida contra o tempo, que poderia ser facilitada caso os profissionais que trabalham com crianças soubessem reconhecer os sinais de risco de autismo e pudessem encaminhar as crianças e bebês ao perceber estes sinais.

Ainda que a Psicanálise traga uma valiosa contribuição sobre o tema do autismo, não esgota todas as possibilidades de compreensão. A realização de mais pesquisas e articulações teórico-clínicas, inclusive no meio psicanalítico, pode ofertar novas contribuições acerca do tema.

Referências

Bernardino, L. M. F. (2006). A abordagem psicanalítica do desenvolvimento infantil e suas vicissitudes. In *O que a Psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição* (pp. 19-41). São Paulo: Escuta.

Bernardino, L. M. F. (2008). É possível uma clínica psicanalítica com bebês? In M. C. M. Kufper & d. Teperman (Org.). *O que os bebês provocam nos psicanalistas* (pp. 13-30). São Paulo: Escuta.

Cabassu, G. (1998). A boneca sem rosto. In: M. C. Laznik-Penot (Org.). *O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas* (2a ed., pp. 60-76). Salvador: Ágalma.

Catão, I. (2008). Bebês órfãos, abandonados e adotivos: um outro olhar sobre a questão. M. C. M. Kufper & D. Teperman, D. (Org.). *O que os bebês provocam nos psicanalistas* (pp. 31-40). São Paulo: Escuta.

Fernandes, L. R. (2000). *O olhar do engano: autismo e o Outro primordial*. São Paulo: Escuta.

Ferreira, S. S. (2005). Manhês: uma questão de estrutura. In: L. Sales (Org.). *Pra que essa boca tão grande? Questões acerca da oralidade* (pp. 19-29). Salvador: Ágalma.

Freud, S. (1996a). *As pulsões e suas vicissitudes*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicada em 1915).

Freud, S. (1996b). *Cinco lições de ePsicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicada em 1910).

Freud, S. (1996c). *Projeto para uma psicologia científica*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. III. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicada em 1895).

Freud, S. (1996d). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicada em 1914).

Jerusalinsky, A. N. (1984). *Psicanálise do autismo*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Jerusalinsky, J. (2002). *Enquanto a futuro não vem: a Psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*. Salvador: Ágalma.

Lacan, J. (1990). Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. In: Lacan, J. *O seminário – livro 11* (4a ed., J. A. Miller, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como é revelada na experiência psicanalítica. In: J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 93-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Laznik, Maestro, Muratori, & Parlato-Oliveira. (2006). Interações sonoras entre bebês que se tornaram autistas e seus pais. In: L. M. F. Bernardino (Org.). *O que a Psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição* (pp. 95-106). São Paulo: Escuta.
- Laznik, M. C. (2005). *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador: Ágalma.
- Levin, E. (2005). Cenas e cenários no ato de amamentar. In: L. SALES (Org.). *Pra que essa boca tão grande? Questões acerca da oralidade* (pp. 87-114). Salvador: Ágalma.
- Vorcaro, A. (2010). O efeito bumerangue da classificação psicopatológica da infância. In: A. N. Jerusalinsky, & S. Fendrik (Org.). *O livro negro da psicopatologia contemporânea* (pp. 219-220). São Paulo: Via Lettera.
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.